

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A celebração da diversidade sexual e o combate às lesbo-homo-transfobias no dia 17 de maio: relatos poético-musicais de uma intervenção feminista, anti-racista e pró-LGBT na UFBA

Ana Paula Fiuza
Rebeca Sobral Freire
Laila Andresa Cavalcante Rosa¹
Felipe Bruno Martins Fernandes²

RESUMO

O “17 de Maio” é lembrado em todo o mundo por ter sido o dia, em 1990, em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) despatologizou a homossexualidade. No Brasil foi instituído no calendário oficial por decreto presidencial de Lula, publicado no Diário Oficial da União em junho de 2010. Como percebemos, esses avanços não traduzem os anseios das comunidades LGBT, que reivindicam a ampliação de seus direitos, o questionamento das normas sexuais que produzem exclusão, subalternidade e uma vida sem discriminação e violência. No Brasil as interseccionalidades entre homo-lesbo-transfobias, racismo, sexismo, capacitismo e intolerância religiosa tem colecionado cada vez mais vítimas, letais ou não. Além da violência, discursos coloniais de criminalização da homossexualidade atravessam oceanos, não se expressando apenas em legislação punitiva em estados declaradamente homofóbicos. Em 2014 ao nos solidarizamos com os movimentos LGBT, optamos pela realização de uma performance poético-musical em frente à Biblioteca Central da UFBA, em caráter de ação de extensão engajada politicamente. A ação foi uma parceria entre o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA) e a Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros (EMUS/NEIM/UFBA) e compõe o calendário nacional e internacional de ações públicas referentes ao “Dia Mundial de Combate à Homofobia”. Nesse trabalho compartilhamos nosso relato sobre a ação, sobre o diálogo com a comunidade da UFBA e sobre a performance cultural que realizamos. A ideia é ressaltar a importante articulação entre arte e política no enfrentamento às lesbo-homo-transfobias, ao racismo e ao sexismo.

Palavras-Chave: Gênero. Arte. Homofobia. Performance. Música

¹Musicista, compositora e Dra em Etnomusicologia. Profa da Escola de Música /Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA. Pesquisadora e vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA). Email: lailarosamusica@gmail.com

² Pós-Doutor em Antropologia Social, Dr. em Ciências Humanas. Prof. do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade/Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos. Pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia. E-mail: fernandes.felipe@ufba.br.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



1985) essas três dimensões se articularam em instituições específicas com vistas a garantirem o caráter subalterno dessa posição, relegando aos indivíduos interpretados pelas sociedades como “homossexuais” um lugar ora de pecador, ora de criminoso, ora de doente (e todas as variações possíveis entre essas três dimensões). Desta forma e dependendo do contexto cultural um indivíduo que se relaciona afetivo-sexualmente com outro do mesmo sexo pode ser entendido como criminoso e doente e não pecador, ou como criminoso e pecador, e não doente. No caso do Brasil, onde a homossexualidade nunca foi considerada um crime (GREEN, 2000), os indivíduos sujeitos da homossexualidade são entendidos como pecadores e doentes. É muito comum, por exemplo, encontrarmos homossexuais que viveram sua juventude nos anos 1970 e 1980 que “fizeram terapia” ou ainda propostas atuais legislativas do campo religioso de “cura gay”. É apenas um século depois da invenção da homossexualidade que seus sujeitos produziram uma nova matriz de compreensão da homossexualidade na qual essa posição se tornou política. Em uma emblemática rebelião intitulada Stonewall (DUBERMAN, 1993), ocorrida em um bar em Nova Iorque, os homossexuais decidiram, a partir dessa posição de subalternidade, lutarem por transformação social que pode ser em busca de direitos ou pelo fim dos binarismos de gênero e sexuais. Desde então homossexuais passaram a se reunir em grupos e instituições políticas. O Dia 17 de Maio - “Dia Internacional de Combate à Homofobia” - é uma agenda política anual assumida por instituições envolvidas com a justiça social e com a promoção da cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros ao redor do mundo. Essa agenda surge com a proposta de enfrentar o senso comum no que tange a homossexualidade como uma doença e também questionar legislações nacionais que criminalizam a homossexualidade.

Uma das principais organizações do movimento de homossexuais é a ILGA - *International Gay and Lesbian Organization* que reúne grupos e instituições locais de todas as regiões do mundo. Em seu relatório anual de 2013 a instituição afirmou que na última década houve pouca mudança em relação aos países que criminalizam de alguma forma a relação consensual adulta entre pessoas do mesmo sexo. Segundo

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



a instituição, 76 países membros da ONU (40%) criminalizam a homossexualidade (ITABORAHY; ZHU, 2013) dentre os quais, segundo dados de 2014, 10 países punem indivíduos homossexuais com pena de morte: Iêmen, Irã, Iraque, Maurítânia, Nigéria, Qatar, Arábia Saudita, Somália, Sudão e Emirados Árabes Unidos (RUPAR, 2014). Apesar de sintonizados com as perspectivas homonacionalistas (PUAR, 2007; MASSAB, 2002) que apontam o uso dos direitos LGBT em prol da colonização do mundo árabe e africano e a responsabilidade da Inglaterra na disseminação de legislação anti-sodomita em suas colônias, consideramos relevante o fato da homossexualidade se tornar figura jurídica e, em alguns casos, passível de pena de morte. Desta forma a homossexualidade enquanto crime é uma realidade no mundo.

As religiões cristãs tem enfrentado a homossexualidade ao posicioná-la como um pecado. Segundo Fátima Weiss de Jesus (2012),

a religião é produto e produtora de representações e dispositivos [...] reguladores das sexualidades. Da mesma forma, as religiões também legitimam e constroem determinadas concepções de “masculinos” e “femininos” que funcionam como normativas para seus membr@s [e para a sociedade que os cerca] (p. 33).

A onipresença de Deus - mecanismo acionado nas igrejas tradicionais para reforçar um Deus que tudo vê e que portanto vigia e condena as pessoas, constrói [...] a noção de pecado como estruturante daquilo que é segredo -, é, ali acionada como um mecanismo que pretende reforçar a positividade da experiência das pessoas com Deus (p. 106).

Nesse sentido as religiões posicionam a sexualidade como uma dimensão “natural e apriorística” da vida social que não deve e não pode ser regulada pelas pessoas vivendo em sociedade. Essa perspectiva transcendente da sexualidade faz com que todos os sujeitos que vivem fora da norma hegemônica de gênero e sexualidade - a saber, em conjugalidade heterossexual reprodutiva - são vistos como “pecadores” e, portanto, *outsiders* da “ordem divina” (RUBIN, 1998; FASSIN, 2006). No Brasil há um movimento crescente de legisladores cristãos que buscam manter a sexualidade no domínio transcendente que tem como principal objetivo, portanto, manter a sexualidade como natural e, dessa forma, tornam impossível a ampliação de direitos para populações de dissidentes do gênero e da sexualidade.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



objetivo de atingir um maior número de público. Foram realizados muitos encontros preparatórios para o ato que reuniu as equipes supramencionadas. O ensaio-geral, realizado na Escola de Música da UFBA sob a direção do grupo Feminaria pode ser vista em: <<http://youtu.be/677185VRpyE>>.

O ato aconteceu no hall da Biblioteca Central e na Praça das Artes da UFBA. Nos reunimos ali na biblioteca para a produção das maquiagens artísticas, cujo conceito era de que a mesma expressamente denunciasse a violência sofrida pelas mulheres, comunidades LGBTs, pessoas não brancas, etc. As mesmas foram marcadas por cores fechadas e escuras que se assemelhavam a hematomas, como o cinza, o roxo, o preto ou o extremo oposto, o branco excessivo pintado em todo o rosto para que os mesmos se parecessem com cadáveres. As maquiagens também foram feitas com frases de ordem e de singelas e expressivas revoluções íntimas, como o ser “fora do objeto”, tema que temos trabalhado no grupo Feminaria Musical e que resultou numa composição autoral de uma das integrantes, Neila Khadi.



Rebeca Sobral, Ellen Carvalho, Laila Rosa, Neila Khadi e Felipe Fernandes

O simples fato de realizarmos a maquiagem nos banheiros da biblioteca, exerceu uma função política importante, pois chamou a atenção das(os) alunas(os) que por ali transitavam, ao qual vivenciou-se questionamentos, opiniões e reflexões sobre aquela ação, além, é claro, da adesão de parte das mesmas ao ato.

O hall da biblioteca foi também aproveitado para a elaboração de cartazes coletivos, ao qual se disponibilizou em forma circular, cartolinas e pilotos, para que o

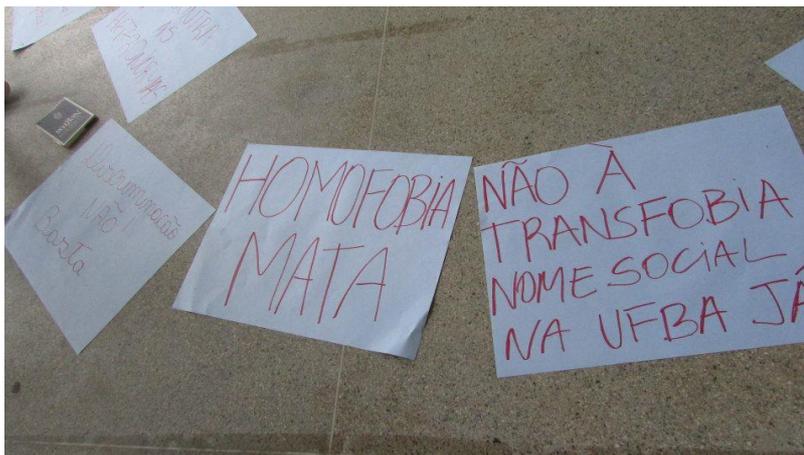
18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



público ali presente tivesse a oportunidade de registrar suas denúncias, reivindicações, protestos e histórias pessoais de agressões sofridas:



Cartazes elaborados juntamente com o público que aderiu ao Ato

Os cartazes foram elaborados ao som de performance musical ao vivo com violino elétrico, violão e percussões que executavam tema fúnebre, literalmente variações improvisatórias sobre a clássica marcha fúnebre de Frederic Chopin⁴ que foi escolhida aleatoriamente num momento de improvisação da Feminaria Musical, no período que ensaiamos e elaboramos um roteiro guia para o Ato:

⁴ Sonata para Piano No 2 em Si Menor, Op. 35 do compositor polonês Frederic Chopin (22/02/1810-17/10/1849), mais conhecida como “Marcha Fúnebre”. Embora tenha sido composta em meados do século XIX, mais precisamente entre 1837-1839, é uma obra amplamente utilizada até os dias de hoje em diversos momentos da cinematografia ocidental para momentos fúnebres. Obra pianística em tom menor e andamento lento que busca retratar uma procissão fúnebre. Ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Frédéric_Chopin e https://www.youtube.com/watch?v=28sdV_DXSrU

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Performance Musical: variações improvisatórias sobre o tema “Marcha Fúnebre”.

A escolha do tema da “Marcha Fúnebre” se deu pela rápida associação que nós mesmas/os fizemos e consideramos que, da mesma forma que esta sonoridade emergiu para nós, o público também faria esta relação imediata, independente de ter ou não uma aproximação com o universo da música de concerto ou mesmo conhecesse o compositor da obra. E funcionou. O público uniu-se à marcha fúnebre que, tocando instrumentos de percussão e apitos foi caminhando com os cartazes diversos produzidos para chamar a atenção da comunidade universitária para situações cotidianas de violência física, moral, etc., a política efetiva do nome social⁵ e a questão da aprovação no Congresso Nacional da Lei de Identidade de Gênero.

⁵ Felizmente após o nosso ato, mais precisamente em 18/06/2014, pouco mais de um mês depois, o Conselho Superior de Ensino e Extensão da UFBA aprovou a Resolução nº 01 / 2014 que permite a adoção do nome social na UFBA, o que certamente consideramos uma conquista e celebramos juntamente com o movimento LGBT. Mais informações a respeito ver: <https://www.ufba.br/noticias/estudantes-poderão-usar-nome-social-na-ufba>

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Retornando ao Hall da biblioteca foi exibido um vídeo apresentado sem som, tanto por conta do teor de violência explícita no mesmo, como por nos possibilitar interagir musicalmente com o mesmo. O vídeo foi produzido por alunas que cursaram disciplina de Gênero e Sexualidades na UFBA e aproveitado para o ato. Mais uma vez aqui o objetivo foi, através das imagens, denunciar uma cena de violência sofrida por um homossexual no estado do Ceará.



Mostra de vídeos produzidos em disciplina de Gênero e Sexualidade.

Por fim, e com cerca de 100 pessoas no total que foi aderindo aos poucos o Ato, formamos um grande círculo e nos demos as mãos após termos distribuído santinhos com o texto da canção “Fora do Objeto”, de autoria de Neila Kadhi (integrante da Feminaria Musical), para então iniciarmos nosso ritual/canto/revolução coletiva:

Se você se sente fora do objeto
Se é plural e não se esquenta de saber
Que amanhã o hoje aqui vai ser completo
E afinal ser diferente quer dizer o quê?
Quer dizer o quê?

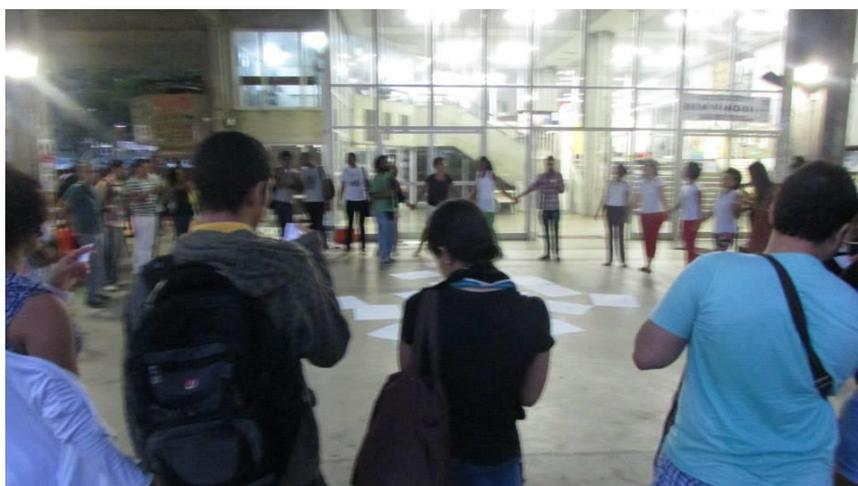
18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Com este sentimento coletivo, houveram ainda performances de poesias relacionadas à causa LBGT, sexista e racial, por parte das integrantes da Feminaria Musical Ana Paula Fiuza, Cristiane Lima e Jorgete Lago, bem como, o público da roda compartilhava palavras de ordem, sentimentos, desejos, enfim:



Roda final do Ato do 17 de Maio.

III - Música e Política no enfrentamento às lesbo-homo-transfobias

A ideia de realizarmos o ato com música reitera o caráter político que a mesma possui historicamente nas diversas lutas, sobretudo nos contextos latino-americanos e brasileiro, marcados pelo enfrentamento à ditadura militar e outras violências denunciadas pelos movimentos feminista, anti-racista e LGBT, só pra citar alguns. Neste momento não poderia ser diferente, pois, ao ocuparmos o espaço público em Ato Manifesto, exercermos nossa autonomia crítica enquanto sociedade civil. Não somente isso, compartilhamos com tantxs outrxs sujeitxs as mesmas demandas, e nos fortalecemos neste enfrentamento e celebração.

Pensando nesta perspectiva crítica do papel estético, social e político da música e outras linguagens artísticas que podem muito bem ser articuladas com o musical como importante ferramenta a ser compartilhada e também como estratégia de enfrentamento a todas as matrizes de desigualdades já mencionadas (hooks, 1995; ANZALDUA, 2000; POLLOCK, 1998; WONG, 2006; SOVIK, 2009;

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



CARVALHO, 2001; PINTO, 2001; ARAÚJO et alli, 2006; GAULTIER, 2006; LUHNING e ROSA, 2010; MEDEIROS, 2005; FREIRE, 2011; WERNECK, 2007; SANTHIAGO, 2009, dentre outrxs).

É na música, seja ela instrumental ou cantada, que podem ser cantadas e tocadas amores, identidades, denúncias, resistências e enfrentamentos. E é a partir deste princípio que a Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros vem articulando pesquisas, performances de poemas musicados, processos criativos, improvisações coletivas, intervenções, rodas de diálogos sobre violência, racismo, sexismo, lesbo-homo-transfobias (ROSA et alli, 2013; ROSA, HORA e SILVA, 2013).

Mas não só de música o Ato foi embalado, foi uma proposta multi-linguagens, com mostra de vídeos, leitura de poemas, elaboração de cartazes, marcha coletiva e performática. Mas certamente a música foi a primeira a atrair o público que algo ali iria acontecer num dia aparentemente corriqueiro de pesquisa em biblioteca, foi também a música juntamente com os cartazes que arrastou o público e que por fim, o agregou num círculo emocionante, amoroso e revolucionário.

Considerações Finais

“Quando apontam aquele olhar, ele sabe e
deixa passar, o salto dói, ele sorri, mais
machucava ter que omitir”.
(Transcrição do cartaz do Ato 17 de Maio)

Acreditamos que o compartilhamento que o Ato do 17 de Maio representou, deixa como legado a importância da união conquistada através da organização coletiva em prol de um interesse comum, que é o direito de ser livre ou “fora do objeto” (“e afinal ser diferente quer dizer o quê?”) em sua diversidade humana, no que tange os direitos civis. Dentre os vários cartazes que foram apresentados ao público, retomamos aqui um dos que mais nos chamou atenção pela sua denúncia e, ao mesmo tempo, poética, em epígrafe acima, ressaltando que o salto dói, mas que doía muito mais ter de omitir sua própria identidade e orientação sexual. Este, assim como vários outros cartazes que lá foram produzidos, demonstram o estágio de barbárie e ignorância em que a sociedade atual se encontra. A partir desta

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



constatação que vem sendo denunciada pelo movimento LGBT há décadas, o ato registrou a sua devida importância de sensibilizar e refletir juntamente com a comunidade universitária, situações que violam os direitos sociais de pessoas que não se enquadram dentro dos códigos e padrões exigidos pela heteronormatividade. E certamente lutar, persistir, perseverar e resistir são elementos essenciais para a conquista de uma sociedade mais justa e igualitária.

Podemos considerar, portanto, este ato como uma vivência de enfrentamento/celebração coletiva que foi pensando para impactar o público com um discurso que passeava do fúnebre ao festivo, da roda ao canto e abraço coletivos. Certamente emocionante. E é assim que tem sido as intervenções da Feminaria Musical/NEIM/UFBA juntamente com outros grupos interlocutores como foi o caso do Grupo Kiu!, ou seja, pensar numa militância musical que trabalhe a partir da perspectiva de uma etnomusicologia feminista, anti-racista e anti-lesbo-homofobia, a partir de parâmetros da improvisação experimental coletiva e de uma performance coletiva e horizontal.

REFERÊNCIAS

ANZÁLDUA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo." *Revista Estudos Feminista*, 8 (1º semestre). Florianópolis: UFSC, 2000. Pp. 229-236.

ARAÚJO, Samuel et alli. "A violência como conceito na pesquisa musical; reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré, Rio de Janeiro." In: *Revista Transcultural de Música Transcultural Music Review*. #10 (2006) ISSN: 1697-0101.

CARVALHO, José Jorge de. "O olhar etnográfico e a voz subalterna." In: www.unb.br/ics/dan/serie261empdf.pdf. 2001. Pp. 2-30.

DUBERMAN, Martin. *Stonewall*. New York: Penguin Books, 1993.

Fassin Éric, « La démocratie sexuelle et le conflit des civilisations », *Multitudes* 3/2006 (no 26), p. 123-131. URL : www.cairn.info/revue-multitudes-2006-3-page-123.htm.

FREIRE, Rebeca Sobral. *Hip Hop Feminista? Convenções de Gênero e Feminismos no movimento Hip Hop soteropolitano*. Dissertação de mestrado apresentado ao

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Programa de Pós-Graduação em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM/UFBA. Salvador: UFBA, 2011.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade? São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GREEN, James. Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

GAUTIER, Ana María Ochoa. “A Manera de Introducción: la materialidad de lo musical y su relación con la violencia”. In: *Revista Transcultural de Música Transcultural Music Review*. #10 (2006) ISSN:1697-0101.

hooks, bell. “An Aesthetic of Blackness: Strange and Oppositional.” IN: Lenox Avenue: A Journal of Interarts Inquiry, Vol. 1 (1995). Published by: Center for Black Music Research - Columbia College Chicago. Pp. 65-72. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/4177045> .Accessed: 25/08/2011 21:35

INTERNATIONAL DAY AGAINST HOMOPHOBIA AND TRANSPHOBIA. Summary Report. Paris: Comitê Idahot, 2014. Disponível em: [<http://dayagainsthomophobia.org/>](http://dayagainsthomophobia.org/). Acesso em: 22 set. 2014.

ITABORAHY, Lucas Paoli; ZHU, Jingshu. State-Sponsored Homophobia: A world survey of laws: criminalisation, protection and recognition of same-sex love. 8. ed. Bruxelas: ILGA - International Gay And Lesbian Association, 2013.

JESUS, Fátima Weiss de. Unindo a Cruz e o Arco-Íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.

LUHNING, A. E., ROSA, Laila. “Música e cultura no Brasil: da invisibilidade e inaudibilidade à percepção dos sujeitos musicais.” In: *Cultura: múltiplas leituras*. São Paulo/Salvador: EDUSC/EDUFBA, 2010, p. 319-348.

MASSAB, Joseph. Re-Orienting Desire: The Gay International and the Arab World. *Public Culture* Spring 2002 14(2): 361-386.

MEDEIROS, Roseana Borges de. Maracatu Rural: luta de classes ou espetáculo?. Recife: Fundação de cultura da Cidade do Recife, 2005. Parte 3. Pp. 158-204.

ROSA, Laila; IYANAGA, Michael; ALCANTARA, Neila; HORA, Eric; SILVA, Laurisabel; ARAUJO, Sheila; MORAES, Luciano. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil. IN: *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Isabel Porto Nogueira (introdução e organização), Susan Campos Fonseca (introdução e organização) – Goiânia / Porto Alegre: ANPPOM, 2013. Pp. 110-137.



ROSA, Laila; HORA, Eric e SILVA, Laurisabel. FEMINARIA MUSICAL: GRUPO DE PESQUISA E EXPERIMENTOS SONOROS. IN: *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero* 10. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385055525_ARQUIVO_LailaRosa.pdf

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical Theory of the Politics of sexuality in Nardi, P. And Schneider, B. *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies – A reader*, London/New York, Routledge ed., 1998, pp 100-133.

SANTHIAGO, Ricardo. *Solistas Dissonantes: história (oral) de cantoras negras*. São Paulo: Letra e Voz, 2009.

POLLOCK, Della. “Performing Writing”. IN: Peggy Phelan and Jill Lane, eds., *The Ends of Performance*. New York: NYU Press, 1998. Pp. 73-103.

PUAR, Jasbir K. *Terrorist Assemblages: homonationalism in queer times*. Durham: Duke University Press, 2007.

PINTO, Tiago de Oliveira. “Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora”. IN: *Revista de Antropologia*, vol.44, no.1 , 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007.

RUPAR, Terri. Here are the 10 countries where homosexuality may be punished by death. 2014. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2014/02/24/here-are-the-10-countries-where-homosexuality-may-be-punished-by-death/>. Acesso em: 24 fev. 2014.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

WERNECK, Jurema Pinto. *O samba segundo as ialodês: mulheres negras e a cultura midiática*. Tese de doutorado em comunicação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

WONG, Deborah. “Ethnomusicology and Difference”. In: *Ethnomusicology*. Vol. 50, No. 2, 50th Anniversary Commemorative Issue (Spring/Summer). Published by: University of Illinois Press on behalf of Society for Ethnomusicology, 2006. Pp. 259-279. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/20174452> .Accessed: 24/09/2012 17:01.